

A ESCOLHA DE UM CURSO TÉCNICO E AS IMPLICAÇÕES DAS E NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

THE CHOICE OF A TECHNICAL COURSE AND THE IMPLICATIONS OF AND IN GENDER RELATIONS

Tânia Gracieli Vega Incerti¹
Lindamir Salet Casagrande²

Resumo: Este artigo é parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, que em sua completude tinha por finalidade discutir as relações de gênero na educação profissional e tecnológica. Objetiva-se trazer para o debate as descrições, mensagens e direcionamentos apresentados pelas/os estudantes de dois cursos técnicos do Instituto Federal do Paraná - IFPR que, de alguma forma, se relacionam à escolha desses cursos e suas implicações das e nas relações de gênero. Como técnica de pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com vinte e quatro estudantes dos cursos técnicos em Mecânica e em Processos Fotográficos - *Campus* Curitiba. Os resultados apontam que em ambos os cursos, a maioria das respostas pertinentes à escolha do curso, está relacionada aos estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Ciência e tecnologia; escolha; estudantes; cursos técnicos, estereótipos de gênero.

Abstract: This is article is part of the results of a master's research carried out in the Graduate Program in Technology and Society of the Federal Technological University of Paraná, which concluded its discussion on issues of gender relations in professional and technological education. If it aims to bring to the debate as descriptions, messages and directions presented by students of two technical courses from the Federal Institute of Paraná - IFPR that, in some way, are related to

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade – PPGTE/UTFPR. Vinculação: Instituto Federal do Paraná e Universidade Tecnológica Federal do Paraná. E-mail: taniag_vega@yahoo.com.br

² Pós-doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pelo PPGNEIM/UFBA (2015). Mestra(2005) e doutora (2011) em Tecnologia pelo PPGTE/UTFPR e graduada em Ciências com habilitação em Matemática pela Fundação de Ensino Superior de Pato Branco (1990). Professora aposentada e voluntária da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Coordenadora do Núcleo de Gênero e Tecnologia - GETEC. E-mail: lindacs2002@gmail.com

the choice of these courses and their implications of gender relations. As a research technique, semi-structured interviews were carried out with twenty-four students from technical courses in Mechanics and Processes Photographic - *Campus* Curitiba. The results pointed out for the two courses, with most of the relevant answers to the course choice, are useful for gender stereotypes.

Keywords: Science and technology; choice; students; technical courses, gender stereotypes.

INTRODUÇÃO

A educação profissional e tecnológica tem um papel contraditório. Ao passo que dela se espera a formação para o mercado de trabalho também se faz necessária uma formação mais completa e integral, vivenciando o debate de temas que não se reduzam aos indicativos de uma formação meramente tecnocrática. Mas afinal, como os nossos/as estudantes escolhem os seus cursos técnicos? Quais as implicações dessas escolhas para a sua vida? Essas escolhas sofrem alguma influência das relações de gênero. É com base nessas inquietações que propomos esse trabalho, o qual é uma pequena parte da dissertação³ apresentada no Programa de Tecnologia e Sociedade, na qual se discutiu as relações de gênero na educação profissional e tecnologia.

A partir da nossa opção em realizarmos a análise dos dados com base na análise de conteúdo, evidenciamos as respostas de vinte e quatro estudantes do IFPR – *Campus* Curitiba, doze do curso Técnico em Mecânica e doze do curso Técnico em Processos Fotográficos, tanto do integrado como do subsequente.

Traremos ao debate as descrições, mensagens e direcionamentos apresentados pelas/os estudantes que, de alguma forma, remetem-se à escolha do curso. Destacamos inicialmente que a escolha de um curso técnico integrado nem sempre representará a definição profissional dessas/es estudantes, as/os

³ Brincadeiras persistentes, desigualdades de gênero presentes: relações de gênero na educação profissional, uma análise a partir da percepção de estudantes do IFPR – *Campus* Curitiba. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/2764>

quais, durante a entrevista, de treze participantes, oito informaram que pretendiam mudar radicalmente de área profissional; entre elas/es, somente uma estudante pensa em exercer profissionalmente o técnico antes da realização de um curso superior.

Diante do exposto, podemos nos aproximar da possibilidade de um ensino integrado base para a politécnica, oferecendo às/aos estudantes uma educação tecnológica para o trabalho, sem a “necessária” inserção no mercado, com vistas à verticalização dos estudos⁴. A situação se altera ao levarmos em consideração essa escolha pelas/os estudantes dos cursos cuja forma de oferta é subsequente, como no caso do Técnico em Mecânica, cujas/os alunas/os pretendem seguir carreira técnica ou buscar uma faculdade relacionada diretamente ao curso. Quanto às/aos estudantes do curso Técnico em Processos Fotográficos subsequente, três já trabalham na área e os demais estão se inserindo no mercado. Em que pese à escolha do curso, acreditamos que várias são as determinações, tais como classe, gênero, raça/etnia, que influenciam nesse processo, para além do que, algumas vezes, pode soar como apenas uma oportunidade à vista. Ou seja, tal como apontam Lindamir Salete Casagrande e Angela Maria Freire de Lima e Souza (2016, p. 827), “[...] a questão da escolha não se resume ao esforço pessoal em aproveitamento das oportunidades e condições disponíveis, não existindo um sujeito isolado, imune ao seu entorno e às condições socialmente dadas”.

AS INFLUÊNCIAS PARA A ESCOLHA DO CURSO: OS PAIS, OS BRINQUEDOS E A SOCIALIZAÇÃO

⁴ Aqui, temos ciência da discussão de classe e que essa possibilidade é roubada de muitas/os estudantes que, por falta de condições, necessitam inserir-se no mercado de trabalho ainda crianças ou adolescentes, porém não nos aprofundaremos nessa discussão por não ser o objetivo desta pesquisa.

Ao solicitarmos que as/os estudantes nos relatassem como se deu a escolha do curso, foram expressivas as respostas que informavam vontade própria como determinante. No entanto, é possível observar que outros fatores se faziam presentes e influenciaram nessa escolha.

Especialmente no Técnico em Mecânica, a influência para a escolha do curso, ainda que encoberta, no caso das meninas, estava relacionada a uma pessoa, e essa pessoa é representada por uma figura masculina.

Helena⁵ do curso Técnico em Mecânica subsequente⁶ aponta claramente que seu direcionamento para a escolha se deu pelo fato de sua família ser da área, especialmente cita o pai e o tio, que também trabalham como mecânicos. Vejamos o que nos diz a estudante:

E⁷:[...] Eu sempre gostei da área porque minha família é da área, meu pai trabalha na área, sempre trabalhou na indústria. Mas ele na verdade não gostou quando eu fiz a escolha do curso.

P: Por quê?

E: Porque ele acreditava que a indústria, você tem esse machismo ainda. A indústria não é uma área para mulher. Ele acreditava que, tipo, como ele sempre estava na indústria, ele via como era o tratamento com a mulher dentro da indústria. Então para ele foi estranho quando eu escolhi, mas ele respeitou minha decisão, ele sempre me apoiou, ele me levava onde ele trabalhava para eu conhecer. [...] (Helena, M. S.)

Da fala extraída, destaca-se também o fato de que a estudante menciona que o pai não gostou da escolha feita, visto que o mesmo tem experiência no trabalho em indústrias e vivenciou situações de machismo. Interessante destacar também que, apesar de o pai mostrar-se desgostoso com a escolha, o mesmo

⁵ A partir desse momento apresentaremos alguns nomes próprios para designar as/os entrevistadas/os. Trata-se de nomes fictícios, preservando-se o anonimato das/os participantes.

⁶ Nas análises das entrevistas utilizaremos a seguinte legenda: M.S. - Mecânica Subsequente; M.I. - Mecânica Integrado; P.F.S. - Processos Fotográficos Subsequente; P.F.I. - Processos Fotográficos Integrado.

⁷ Nos excertos das entrevistas, a letra **P** indica fala/pergunta da pesquisadora e a letra **E**, a fala da/o entrevistada/o.

acolheu e incentivou a estudante a ir em frente.

A estudante Enedina, do curso Técnico em Mecânica subsequente, também aponta, em sua resposta, que a escolha foi, de alguma forma, impulsionada pela influência ou vivência de seu pai na área. O curso foi escolhido ainda quando estava no ensino médio, e ela o começou no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) concomitantemente ao ensino médio regular em outra escola. A estudante destaca na resposta as áreas tanto de sua mãe, que trabalha na saúde, quanto de seu pai, que trabalha na indústria, mas a escolha final tende ao exercício laboral do pai.

A partir disso, é possível questionarmos: Será que essas mulheres, especialmente as estudantes do curso subsequente, a partir do exemplo vivido e por saberem ou terem ouvido falar de situações de discriminação de gênero, não procederam às suas escolhas como uma forma de resistência?

Quanto à influência da figura masculina como impulsionador para a escolha, que foi relatada como vontade própria, o nosso estudo assemelha-se ao de Casagrande e Lima e Souza (2016), que trazem o resultado de uma pesquisa realizada com estudantes de engenharia e licenciatura de duas Universidades Federais do país, no qual as estudantes de engenharia também apresentam esse resultado como predominante.

Ao realizarmos os mesmos questionamentos aos meninos/homens do curso Técnico em Mecânica, as respostas tiveram um cunho diferente apontando expressivamente a influência da socialização, brinquedos e mídia como destaque.

Vicente, estudante do curso na forma integrada, destaca que a escolha do curso está relacionada ao fato de que, quando criança, ele teve acesso a brinquedos de montagem. Vejamos:

E: Eu escolhi ele por causa que eu sempre gostava muito de... quando eu era criança eu brincava muito de bloquinho, essas coisas. [...]

Revista Mundi Sociais e Humanidades. I Encontro Nacional Interdisciplinar em Ciência, Tecnologia e Sociedade (ENICTS 2019) Edição Especial. Paranaguá, PR, v.5, n.1, 70, 2020.

P: E alguém te influenciou nessa escolha?

E: Não, eu tinha qualquer liberdade de escolher qualquer curso.
(Vicente, M.I.)

João, estudante do curso na forma integrada, também menciona a forma de socialização. Além disso, destaca a mídia ou os conteúdos por ela fornecidos como fatores que podem influenciar nas escolhas das crianças e adolescentes. Esse estudante expõe:

E: Então, porque eu gosto de desenhos animados e sempre assisti um desenho, o (Laboratório de Dexter), que ele construía coisas, e eu falava, "cara, eu quero ser que nem ele, eu quero construir coisas, eu quero construir coisas para ajudar a humanidade" [...] (João, M.I.)

As/os estudantes de Mecânica na forma subsequente também apontam que a escolha do curso, neste caso com muito mais probabilidade de ser também escolha profissional, já que essas/es estudantes são adultas/os e já concluíram o ensino médio, esteve relacionada aos brinquedos disponíveis em sua infância. Alberto ratifica essa informação:

E: Na verdade eu escolhi o curso porque desde pequeno eu sempre me interessei na parte Mecânica, sempre gostei de estar montando e desmontando coisas, sempre achei atrativo ficar mexendo em motores, mexia desde a TV que tinha em casa, montava robozinho, montava carrinho, montava, pegava os pedaços de madeira e saía montando as coisas. [...]. (Alberto, M.S.)

Diante das falas das/os estudantes, como vimos, a influência da socialização por meio de brincadeiras e brinquedos apresenta-se como importante fator para a escolha. Isso não aparece nos depoimentos femininos, o que pode ser resultado do pouco estímulo que as meninas recebem para brincar com carrinhos, jogos de montar ou outros brinquedos social e erroneamente definidos como masculinos.

Direcionando nossa análise para as/os estudantes de Processos

Fotográficos, especialmente do curso na forma integrada, as respostas apresentadas quanto à escolha do curso denotam um conhecimento de si mesmas/os e de aproximações com a arte. Ainda observamos, a partir das respostas, que as presenças femininas são lembradas como partícipes da escolha ou como influentes nesse processo.

Nair destaca que anteriormente era aluna de outro curso no IFPR e, ao fazer teatro com uma professora que também dava aula para Processos Fotográficos, descobriu e viu seu lado artístico falar mais alto, impulsionando-a para a mudança e para essa nova escolha. Observemos a resposta da estudante:

E: [...] E a (Lúcia), que era a coordenadora de curso, eu fazia Teatro com ela e ela me disse que o meu lado artístico sempre foi mais imponente assim, e realmente é verdade. E eu achei que PF seria um bom curso, que me faria bem. [...] e outra coisa que realmente me influenciou também foi a questão de gênero, porque informática eu sentia que eu era a única pessoa diferente entre todo mundo[...] E eu acho que isso fez diferença para mim, realmente é uma coisa que eu ponderei muito antes de entrar no curso. (Nair, PF.I.)

Esse sentimento de acolhimento, de sentir-se bem com o curso, também foi relatado no estudo de Nadia Kovaleski (2002), a qual destaca que o julgamento dos homens parece ser uma realidade que pode influenciar no momento de uma escolha, especialmente para uma menina, ao se “negar” o direito de se inserir e permanecer em um curso de predominância masculina.

Ao direcionarmos o olhar às/aos estudantes do curso na forma subsequente, as respostas apresentam-se em um contexto diferenciado. Essas/es estudantes, em geral, optaram pelo curso para um aprimoramento profissional, pois já exercem a profissão de fotógrafas/os ou apresentam um interesse antigo pela fotografia, que poderá se tornar um *hobby* em sua vida.

E: Na época eu tinha feito vários vestibulares, aí um dos que eu passei foi aqui e eu optei pelo horário, que possibilita trabalhar. [...] Eu sempre gostei de Fotografia, sempre fui um fotógrafo amador, e queria aprender

mais da técnica no geral. (Evandro, PF.S.)

Chico também aponta em sua fala a condição de trabalho, destacando que, inversamente a Evandro, o fato de o curso realizar-se no período da manhã pode ser um dificultador para outras pessoas que também gostariam de realizá-lo. Com relação a essa questão apresentada pelos dois estudantes, voltamo-nos à discussão da proposta de realização do curso no período matutino. Como aponta o estudante Chico, acreditamos que a realização do curso nesse período apresenta-se como um empecilho para o interesse de estudantes do sexo masculino, pois, com base no perfil apresentado na dissertação realizada foi possível observar que a maioria dos estudantes do sexo masculino ingressantes no curso, são trabalhadores. Diante disso, questionamos: Será que em vista da oferta do curso pela manhã, isso possibilitou maior interesse e disponibilidade das mulheres?

Chico menciona seu interesse pelo curso também por influência de um desenho/filme em que o personagem principal desempenha a função de fotógrafo. A influência da mídia também foi relatada por Sebastião, estudante do curso integrado, o qual destaca que fez o curso porque o seu interesse profissional era o jornalismo. O curso técnico em processo fotográfico possibilitaria que ele se tornasse um repórter cinematográfico e permitira que exercesse a profissão de seus sonhos.

Convergem nas falas das/os estudantes, tanto do curso Técnico em Mecânica quanto do curso Técnico em Processos Fotográficos, que a opção pelo curso foi um processo de escolha pessoal. Poucos apontam a influência de outras pessoas nesse processo, embora, ao observarmos os relatos percebamos, nas entrelinhas, que houve influência, ainda que indireta, para tais escolhas. Destaca-se também que a escolha para as/os estudantes de ambos os cursos na forma integrada aparece mais como uma possível oportunidade do que

como uma tendência a seguir profissionalmente o curso escolhido. Nisso diferem das/os estudantes do subsequente, para as/os quais as escolhas partem da sua realidade de trabalho ou buscam realmente profissionalizar-se na área. Isso pode parecer óbvio se consideradas as características que se esperam de um curso de ensino médio, que, conforme aponta Acácia Kuenzer (1997), divide-se em preparar para a continuidade de estudos e, ao mesmo tempo, para o mundo do trabalho.

Dentre as divergências que podemos apontar no que se refere à escolha do curso, destacamos inicialmente as figuras e/ou objetos que aparecem nas falas das/os estudantes. No caso do curso Técnico em Mecânica, a figura masculina aparece com destaque. Já em Processos Fotográficos, observamos a presença de figuras femininas durante as falas.

Aos meninos, pelo acesso mais facilitado às brincadeiras e aos brinquedos que estimulem a criatividade, os cursos especialmente das áreas relacionadas às engenharias aparecem como uma realidade mais próxima, o que pode nos levar a explicar o número ainda expressivo de homens no curso Técnico em Mecânica. Como vimos, a influência da socialização a partir de brincadeiras e brinquedos não aparece nas falas das meninas. Diante disso, podemos pensar que, se não houvesse brinquedos diferenciados para meninos e meninas, elas poderiam se sentir mais atraídas por cursos como o Técnico em Mecânica, por exemplo. Podemos refletir, ainda, que a mídia poderia contribuir nesse processo propondo desenhos e séries infantis que tragam protagonistas femininas em papéis de cientistas, engenheiras, heroínas, e apresentem uma dinâmica sem distinção de gênero para um público que está em processo de construção de identidade, nesse caso, especialmente, a identidade de gênero. Essas atitudes, acreditamos, contribuiriam para um acesso mais democrático aos cursos técnicos e às engenharias, pois, como argumentam Nanci Stancki Silva e Marília Gomes de Carvalho (2003, p. 54), “[...] estereótipos como o de inaptidão

tecnológica feminina são construídos socialmente pelo condicionamento do papel de homens e mulheres e cuja produção e reprodução ocorrem em cada um dos momentos de socialização dos indivíduos”.

Nesse sentido, retomando as falas das/os estudantes, pensamos na infância como um momento importante para o desenvolvimento da identidade de gênero e, de certo modo, para futuras escolhas de cursos e carreiras. Aos meninos, quando pequenos, são-lhes oferecidos brinquedos desmontáveis, que estimulam a criatividade e o raciocínio; as meninas são menos incentivadas a essas atividades, sendo-lhes oferecidos brinquedos e brincadeiras que demandam cuidados. Lea Velho (2006, p. xiv) argumenta que a socialização diferenciada de meninos e meninas é fundamental para o desenvolvimento das habilidades e no decorrer deste processo “as mulheres são ensinadas a procurar ajuda e a ajudar e não a serem autoconfiantes ou a funcionar autônoma e competitivamente como os garotos”. Esta diferença na socialização de meninos e meninas pode se refletir nas escolhas profissionais de homens e mulheres, afastando as mulheres das carreiras científicas e tecnológicas.

Vilma, estudante de Processos Fotográficos integrado, ilustra em sua fala a influência da família, dos brinquedos, dentre outras instituições, no processo de socialização e definição de estereótipos do que é ser homem ou ser mulher na sociedade. Conforme a estudante, ela vivenciou, por parte dos familiares, a determinação de brinquedos impostos socialmente como de meninas, mas, pela convivência com seus irmãos, pôde ter acesso a brinquedos e brincadeiras que fossem de seu interesse, fugindo desse processo de imposição. Diz-nos a estudante:

E: Eu por exemplo nunca gostei de (Barbie), eu tenho 2 irmãos mais velhos, então eu sempre brincava com eles. Minha mãe comprava um monte de (Barbie) e eu ficava não, vou brincar com meus irmãos, daí a gente sempre voltava de joelho ralado. (Vilma, PF.I)

Para finalizar essa subseção, não podemos deixar de trazer a fala da estudante Enedina do curso Técnico em Mecânica subsequente como uma forma de advertência para atitudes que possam ser motivos de desestímulo às mulheres que pretendem seguir carreira na área de engenharia. A estudante, no decorrer da entrevista, mostra-se muito à vontade com o curso, relatando seu desejo em permanecer e trabalhar como técnica em mecânica. Quando questionada sobre suas percepções futuras, lança mão da resposta a seguir:

P: Então você não sabe se engenharia vai ser teu caminho.

E: Não, não sei.

P: Mas por vontade?

E: Por vontade, por vontade eu faria mesmo. O problema é que eu fico meio com o pé atrás, igual quando eu vim fazer o curso aqui, o primeiro dia o professor Odair achou que eu tinha errado a turma. Porque eu fui pegar a carteira e colocar lá, daí ele falou “você está na sala certa?” Daí eu fui pegar a carteira e falei: “Mecânica 1?”, daí ele falou “é Mecânica 1”, “então eu tô na sala certa”. Daí eu entrei, mas sei lá, eu acho que vai ser isso. (Enedina, M.S.)

Tal como exposto, a fala da estudante denota o importante papel das/os professoras/es na permanência e continuidade das estudantes no curso. Essas/es profissionais podem, a partir de suas ações e palavras, constituírem-se como estimuladores ou desestimuladores nesse processo.

ESCOLHA DO CURSO: O QUE ISSO TEM A VER COM ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL?

Ainda no que se refere à escolha do curso e as influências das relações de gênero nesse processo, buscando a percepção das/os estudantes sobre o fato de meninas/mulheres estarem em minoria no curso Técnico em Mecânica e, no curso de Processos Fotográficos, essa situação ser inversa, esta subseção tem por finalidade expor e analisar as respostas apresentadas pelas/os estudantes. Dentre as possíveis explicações, as/os estudantes apontaram

Revista Mundi Sociais e Humanidades. I Encontro Nacional Interdisciplinar em Ciência, Tecnologia e Sociedade (ENICTS 2019) Edição Especial. Paranaguá, PR, v.5, n.1, 70, 2020.

situações associadas às relações de gênero. Além do ambiente por vezes hostil ao sexo oposto, a definição de papéis e estereótipos de gênero e o questionamento quanto à orientação sexual também são destacados na fala das/os estudantes.

Anna Frida, do curso Técnico em Mecânica integrado, ilustra o fato de que, como Mecânica ainda é uma área socialmente considerada masculina, a receptividade das pessoas, ao se depararem com a informação de que uma menina/mulher tem interesse na área, nem sempre é positiva e por vezes é pouco incentivadora.

Eugênio, do curso Técnico em Processos Fotográficos integrado, ao trazer os motivos que originaram a escolha do curso, foi o único estudante que afirmou que essa escolha não foi sua e sim de sua mãe, a qual por, acreditar que todo menino deve gostar de carros e entendendo que o filho não gostava, escolheu o curso para que o mesmo pudesse conhecer sobre automóveis e assim permanecer dentro dos estereótipos impostos aos meninos. Observemos:

E: Foi por, tipo, mais pelo fato de eu falar que eu não me interessava por carro, que eu não me interessava. E ela achou estranho, tipo, “não, você é menino, você tem que pelo menos ter noção um pouquinho”. (Eugênio, M.I.)

Carmem, também estudante do curso de Mecânica integrado, destaca o fato de que culturalmente a mulher é educada para ser princesa e não deve estar em espaços nos quais necessite lutar. Como no curso ela será minoria, isso pode ser entendido como uma desvantagem, inclusive pela briga por direitos. E, por que ter medo de arriscar, ter o direito a ser ouvida e a ter voz ativa roubada. Destaca-se também que a estudante lembra que a identidade de gênero, construída e imposta socialmente, define papéis tanto para as meninas quanto para os meninos. Diante da fala da estudante, observa-se que a mesma é crítica e questionadora dos estereótipos de masculinidade e feminilidade construídos

Revista Mundi Sociais e Humanidades. I Encontro Nacional Interdisciplinar em Ciência, Tecnologia e Sociedade (ENICTS 2019) Edição Especial. Paranaguá, PR, v.5, n.1, 70, 2020.

socialmente.

E: [...] eu acho que é mais tipo, uma questão cultural que geralmente papai protege a princesinha. E por que não pode ser necessariamente a quem guerreia normalmente? [...] Eu acho que desde a infância isso é imposto para menina e para menino, você tem que proteger, você tem que se guardar. (Carmem, M.I.)

André, estudante do curso Técnico em Mecânica subsequente, contribui para essa discussão expondo seu ponto de vista, que destaca a imposição da sociedade e é taxativo na sua resposta:

E: Acho que vai da identificação também, e eu acho que pelo que a sociedade impõe, acho que fica meio que certo assim, “ah, esse curso não é para menina”. Infelizmente fica na cabeça. (André, M.S.)

Nesse sentido, aproximamo-nos do estudo de Kovalski (2002) a qual aponta que a escolha de um curso de eminência masculina pode ser interpretada pela sociedade como uma transgressão às normas de gênero impostas, questionando os padrões e papéis determinados, bem como poderá vir a ser questionada quanto a sua sexualidade duvidosa.

Em relação ao curso de Mecânica, as/os estudantes também lembram que, tendo em vista o fato de que se propaga a ideia de que os equipamentos utilizados são pesados, esse fator, conforme as respostas apresentadas, contribui para o afastamento das mulheres do curso. Everaldo aponta, em sua resposta, que uma de suas curiosidades ao ver a lista de aprovadas/os no curso era saber se havia mulheres inscritas e aprovadas. É possível, ainda, observar nos excertos apresentados que as/os estudantes percebem a definição de estereótipos. Mais uma vez, podemos observar que socialmente se enfatizam qualidades e características como próprias de homens e mulheres, fazendo-nos retornar às contribuições teóricas de Marília Gomes de Carvalho (2011) e Londa Schiebinger (2001), as quais nos mostram que a ciência e a tecnologia

apresentam características generificadas. Vejamos o que nos dizem as/os estudantes:

P: Na sua opinião, por que as meninas não escolhem o curso de mecânica?

E: Porque as meninas acham que é meio difícil, é um trabalho pesado. (Iracema, M.I.)

E: Eu acho uma coisa que eu fiquei curioso quando eu vi lá a lista dos aprovados foi ver se tinha mulher no curso. Porque eu acho legal a mulher estar se inserindo, e é uma coisa que não é, a pessoa vê Mecânica e pensa que é coisa pesada, e não é, é um mercado que é para todo mundo. (Everardo, M.S.)

Analisando as respostas apresentadas pelas/os estudantes do Técnico em Processos Fotográficos, a explicação para o possível desinteresse dos homens em fazer o curso inclui a questão da desvalorização do curso, posteriormente a do mercado de trabalho e o questionamento com relação à orientação sexual como principais fatores lembrados.

Gervásio, estudante do curso integrado, destaca que a questão artística não é valorizada socialmente e que muitos meninos/homens vão preferir escolher cursos que socialmente “dão mais futuro”, cursos que contemplem lógica, tais como Eletrônica, Mecânica, dentre outros. Nesse sentido, pode-se pontuar que essas escolhas refletem o papel posto socialmente aos homens como provedores.

Sebastião, estudante do curso integrado, destaca que essa questão numérica e desproporcional com relação ao acesso aos cursos também faz parte dos seus questionamentos. E, de acordo com ele, os meninos/homens não têm optado pelo curso de Processos Fotográficos por vários fatores, dentre eles a distinção de papéis socialmente impostos, a desvalorização do curso e o questionamento quanto à orientação sexual. Conforme o estudante:

E: Uma coisa que eu realmente me pergunto, porque é o curso que todo ano é sempre muita menina. O que eu penso assim, é que eu acho que

primeiro tem um preconceito muito grande da família, isso eu já ouvi. [...] Mas eu vejo muita gente que o pai, “ah, vai fazer Fotografia, não vai dar dinheiro”. “Isso é coisa de mulher [...]

E: Já ouvi de aluno que fala, “em PF só tem viado”. É o mais famoso. Então você ouviu essas coisas. (Sebastião, PF.I.)

A questão da desvalorização social quanto à fotografia e quanto a tudo que está relacionado à área artística é também lembrada por Chico, do curso subsequente, como fatores impactantes no momento da escolha de um curso técnico.

A partir das falas trazidas pelas/os estudantes, lembramo-nos do que nos apresenta Maria Rosa Lombardi (2005), que apresenta em sua tese um debate em torno da engenharia e da inserção feminina e da percepção das mulheres sobre enfrentamento de situações discriminatórias e restritivas ao exercício profissional nesse espaço. Lombardi (2005) aponta que, nas sociedades, os espaços sociais estão classificados e hierarquizados, e esses têm gênero definido – sendo espaços mais ou menos masculinos ou femininos, a sua valorização apresenta-se diferente. Aqui, a situação é inversa, já que no curso Técnico em Processos Fotográficos a predominância é de mulheres. No entanto, os homens que ali estão também sofrem discriminações, especialmente pelo fato de estarem em um curso que, por diversas razões, dentre elas a predominância feminina em seu quadro discente e a vinculação às características socialmente definidas como femininas, é socialmente desvalorizado.

Nair destaca em sua resposta que se propaga no *Campus*, tanto por discentes quanto por algumas/uns servidoras/es, o estereótipo de que o curso é composto prioritariamente por gays e lésbicas, por isso, conforme a percepção da estudante, os meninos têm receio de procurar um curso de uma área artística, e serem taxados de gays.

Nesse sentido, podemos inferir que esse medo percebido pela estudante também mostra o temor nos homens de, ao optarem por este curso, terem sua

sexualidade questionada. Se levarmos esse fator em consideração, podemos nos questionar então: por que as meninas, mesmo tendo a possibilidade de serem chamadas de lésbicas, permanecem na escolha do curso? Seria a possibilidade, tal como apresentada por Kovalesski (2002), de uma transgressão de gênero?

Gervásio e Cynthia, também estudantes do curso integrado, reafirmam a relação que se faz entre o curso de Processos Fotográficos e a sexualidade das/os discentes. O/a estudante relata:

E:[...] As pessoas meio que relacionam os meninos de PF com a nossa sexualidade. Então tipo, “ah, porque menino que faz PF é gay, menina que faz PF é lésbica”. Eu acho que essa miscigenação do curso faz as pessoas pensarem nisso. (Gervásio, P.F.I.)

E: [...] desde que eu entrei no curso diziam que PF, primeiro ano entra todo mundo hétero e terceiro ano sai todo mundo lésbica. [...] (Cynthia, P.F.I.)

Rosa, durante a entrevista, relata o fato de que professoras/es em sala de aula trazem falas preconceituosas, reproduzindo estereótipos e brincadeiras relacionadas às/aos estudantes do curso de Processos Fotográficos. Conforme denomina a estudante, isso foi realizado em tom de piada. Ainda que tenha nos informado que as falas por parte das/os professoras/es tenham sido feitas em forma de brincadeiras/piadas, ao final a estudante opina que isso é pesado.

E: Piadinha. “Gente, porque né, lá em PF, não sai formado. Sai formado, entra hétero e sai homossexual”. Então, sabe, é uma coisa muito pesada eu acho assim. (Rosa, P.F.I.)

É importante destacar que essa fala da/o professora/r, ouvida por uma/um estudante do primeiro ano do curso, pode ser decisiva ou ter um peso muito grande para várias/os estudantes adolescentes, que estão em construção de sua identidade de gênero, ou que estão em dúvidas quanto à sua orientação sexual. Acreditamos que, ao ser ouvida por alguém que esteja insegura/o, essa

fala pode resultar inclusive em desistência do curso.

A partir das convergências observadas nas falas das/dos estudantes dos dois cursos, podemos perceber o processo de violência que as/os estudantes enfrentam por estarem em um curso socialmente definido como do sexo oposto. Nesse sentido, podemos perceber que estas/es estudantes sofrem o que Pierre Bourdieu (1999, p. 7) denominou de violência simbólica. Para o autor, este tipo de violência é:

[...] uma violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento.

Conforme Casagrande e Lima e Souza (2015, p. 82) a violência (simbólica) manifesta-se no meio acadêmico de diferentes formas e por diferentes meios. Dentre as situações destacadas, estão: “a questão da sexualidade, a aparência física dos/as estudantes, as supostas diferenças cognitivas entre homens e mulheres, a questão salarial da futura carreira e a postura de professores e professoras”.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Ao buscarmos conhecer a percepção das/os estudantes sobre o porquê de ainda se visualizar um acesso com predomínio de determinado sexo nos cursos, conforme observamos no decorrer deste artigo, para as/os estudantes do curso Técnico em Mecânica, a maioria das respostas está relacionada aos estereótipos de gênero, já em Processos Fotográficos, a orientação sexual posta em questão foi o principal fator apontado, denotando o preconceito sofrido

também pelos meninos que constantemente são chamados de *gays*, ainda que a menção dos estereótipos de gênero também se faça presente nas falas. Nesse sentido, no curso de Processos Fotográficos, foi possível refletirmos sobre a desvalorização das áreas artísticas, atribuídas socialmente como mais direcionadas para as mulheres.

A maioria das/os estudantes participantes da pesquisa, tem uma postura crítica quanto às definições de papéis e estereótipos do que é ser homem ou ser mulher na sociedade, tensionando em suas falas, essa naturalização.

Enfim, acreditamos que muitos são os fatores que contribuem no processo de escolha de um curso. Dentre eles estão, conforme já citado, socialização, mídia, informações repassadas pela instituição, desde que não sejam marcadas por preconceitos, e o papel da família em proporcionar um processo de escolha sem imposições.

A partir das falas apresentadas, é possível questionarmos: será que a escola pode também contribuir nesse processo de desconstrução das desigualdades de gênero? Acreditamos que sim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CARVALHO, Marília Gomes de. Estudos de Ciência, tecnologia e gênero: Rompendo paradigmas: In: CARVALHO, Marília Gomes de (Org.). **Ciência, tecnologia e Gênero**: Abordagens iberoamericanas. 1. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2011.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; LIMA E SOUZA, Ângela Maria Freire de. Para além do gênero: mulheres e homens em engenharias e licenciaturas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3), set./dez./2016.

Revista Mundi Sociais e Humanidades. I Encontro Nacional Interdisciplinar em Ciência, Tecnologia e Sociedade (ENICTS 2019) Edição Especial. Paranaguá, PR, v.5, n.1, 70, 2020.

KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda. **As escolhas de cursos pelas mulheres:** Qual formação para quais papéis sociais? O caso das estudantes do Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná – Unidade de Ponta Grossa. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2002.

KUENZER, Acácia. **Ensino médio e profissional:** as políticas do estado neoliberal. São Paulo: Cortez, 1997. 104p.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e Resistência:** a engenharia como profissão feminina. Tese de Doutorado, Unicamp, 2005.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?**. Bauru: Edusc, 2001.

SILVA, Nanci Stancki; CARVALHO, Marília Gomes de. A Tecnologia e a Divisão Sexual do Trabalho. In: CARVALHO, Marília Gomes de (Org.). **Relações de Gênero e Tecnologia. Coletânea Educação e Tecnologia**– PPGTE/CEFET-PR, 2003.

VELHO, Lea. Apresentação. In: SANTOS, Lucy Woellner dos; ICHIKAWA, Elisa Yoshie; CARGANO, Doralice de Fátima. **Ciência, Tecnologia e Gênero:** desvelando o feminino na construção do conhecimento. Londrina: IAPAR, p. 9-18, 2006.